Uma análise da construção de portfólios eletrônicos por alunos do Ensino Médio

Celio Eduardo Nunes Rodrigues[1]

Marcelo Almeida Bairral[2]

Resumo
Este artigo apresenta resultados de uma pesquisa qualitativa realizada em uma turma do 1º ano do ensino médio de um colégio estadual do Rio de Janeiro. A coleta de dados foi feita mediante a observação sistemática de portfólios eletrônicos construídos pelos alunos. A análise esteve focada nesse processo criativo e autônomo, no qual o estudante teve oportunidades de atualizar continuamente seu portfólio, inserindo imagens, textos, fotos, reflexões, dúvidas, músicas, etc. Os portfólios eletrônicos se mostraram uma ferramenta possível para trabalharmos com gêneros textuais, pois permitiram diversas utilizações hipertextuais, a alternância entre a linguagem informal e a formal bem como potencializou a criatividade. A pesquisa ressalta que ao observar esses elementos, tendo como foco as possíveis relações entre o hipertexto e a autonomia, podemos elucidar aspectos do aprendizado dos discentes.
Palavras-chave: *Tecnologias da Informação e Comunicação. Portfólio Eletrônico. Hipertexto. Autonomia. Ensino Médio*

An analysis of the construction of Eportfolios by High School students
Abstract
This article presents results from a qualitative research carried out in the first year classroom from a state High School in Rio de Janeiro. The data collection was done by systematic observation of the electronic portfolios constructed by students. The analysis was focused on this creative and autonomous process in which the student had opportunities to reframe continuously it portfolio adding images, writing, pictures, reflections, doubts, songs etc. The Eportfolios seemed to be a possible tool for work with text genres at school due to allowed different hipertextual utilization, the transformation between formal and informal language as well as to promote creativity. The research highlights that observing those elements, having the focus on the possible relations between the hypertext and the autonomy; we may elucidate aspects from students' learning.
Keywords: *Information and Communication Technology. Electronic Portfolio. Hypertext. Autonomy. High School.*

[1] Professor, PMAR e SEEDUC/RJ. cen.rodrigues@yahoo.com.br
[2] Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares. mbairral@ufrrj.br

Un análisis de la construcción de portafolios electrónicos por estudiantes de bachillerato
Resumen
Este artículo discutirá un estudio cualitativo en una clase de primero año de bachillerato en una escuela pública estadual del Río de Janeiro. La recogida de datos se realizó a través de la observación sistemática de los portafolios electrónicos construidos por los estudiantes. El análisis se ha centrado en el proceso creativo y autónomo en el que los estudiantes tuvieron la oportunidad de actualizar continuamente su portafolio y añadir imágenes, textos, fotografías, reflexiones, preguntas, canciones, etc. Los portafolios electrónicos han demostrado ser una herramienta posible para trabajar con géneros textuales una vez que permitieron diversos enlaces hipertextuales, alternando entre el lenguaje formal y el informal y promoviendo la creatividad. La investigación pone de relieve que al observar estos elementos, teniendo como énfasis las posibles relaciones entre el hipertexto y la autonomía, podemos elucidar aspectos del aprendizaje de los estudiantes.
Palabras clave: *Tecnologías de la Información y de la Comunicación. Portafolio electrónico. Hipertexto. Autonomía. Bachillerato.*

INTRODUÇÃO

Este artigo é fruto de uma pesquisa de mestrado realizada entre os anos de 2011 e 2013 em uma escola pública estadual de Volta Redonda/RJ. Nosso principal objetivo foi analisar o processo de construção de portfólios eletrônicos por estudantes do ensino médio nas disciplinas de Língua Portuguesa e Literatura durante um bimestre.

Atualmente as tecnologias da informação e comunicação (TIC) fazem parte do cotidiano de quase 100% dos alunos. As redes sociais são acessadas pelos seus celulares em plena sala de aula e quando alguma proposta de atividade envolve o uso de tecnologias digitais, a animação é geral. Entretanto, percebemos que algumas propostas que fogem um pouco daquilo que eles estão acostumados a fazer nem sempre são bem recebidas, apesar da familiaridade deles com a Internet.

Mesmo com o avanço das TIC em nossos dias e sua inserção cada vez maior no ambiente escolar, o modelo de escola vigente na instituição onde esta pesquisa foi desenvolvida ainda enxerga o aluno como um ser passivo que recebe o saber do Mestre. O ideal de um caminho que possa ser percorrido lado a lado por professores e alunos foi o mote inicial para propormos um trabalho que permitisse um contato com o novo, com o desconhecido, tanto para os professores como para os estudantes.

Nosso grupo de pesquisa implementa estratégias de ensino variadas e analisa diferentes formas de aprender em contextos mediados pelas TIC. Particularmente, um dos cenários virtuais que o grupo tem interesse é o portfólio eletrônico. Quando propomos o trabalho com portfólios

eletrônicos percebemos certo entusiasmo na maioria dos alunos, mas logo que os primeiros problemas surgiram, as reclamações foram muitas. A navegabilidade no site foi considerada complicada por muitos, o desejo de estar no *Facebook* foi geral, dentre outras atitudes que demonstram um padrão de navegação, assim como existem padrões comportamentais seguidos por aqueles que utilizam a televisão como principal fonte de informação e lazer.

Muitas questões sugerem reflexões sobre as potencialidades da Internet e, mais precisamente, dos portfólios eletrônicos. Dentre elas, nos chama a atenção esta ideia de que a Internet é um espaço que permite ao usuário navegar livremente e a falsa concepção de que as TIC ou a educação a distância irão sanar os problemas da escola. Entretanto, neste artigo, nosso foco será responder as seguintes questões de pesquisa: as utilizações de elementos hipertextuais nas construções de portfólios eletrônicos influenciam na forma como os estudantes constroem seus conhecimentos nos dias atuais e que aspectos do aprendizado sobre gêneros textuais podem ser observados em tais construções?

Acreditamos que os resultados dessa investigação trouxeram para a linha um olhar diferente sobre a influência do uso de portfólios eletrônicos no aprendizado escolar, contexto cada vez mais impregnado de tecnologias e que carece de mudanças qualitativas.

Como exemplo, podemos destacar a pesquisa de Brandes e Boskic (2008), onde as autoras discutem a ideia de que o portfólio eletrônico não é um lugar onde o estudante apenas compila artefatos, mas sim um local para o desenvolvimento da aprendizagem por meio de escolhas que se fazem ao postar isto ou aquilo e de discussões que o ambiente criado e atualizado constantemente pode suscitar.

Outro ponto importante destacado por elas é o fato de que a utilização de metáforas e hipertextos nos portfólios pode favorecer as conexões cognitivas. Entretanto, vale ressaltarmos que não é fácil para os alunos passarem deste momento de compilação para um momento de reflexão. O que as autoras observaram ao longo de sua pesquisa é que encontros presenciais para discussão de como foram feitas as escolhas por esta ou aquela postagem, qual a relação entre a postagem e o conteúdo curricular trabalhado, favorecem bastante esta mudança de postura, despertando a criatividade e capacidade reflexiva de quem constrói o portfólio eletrônico.

Brandes e Boskic (op cit.) elaboram ainda, outro conceito interessante: o de andaimes. Para eles, a construção e constante atualização dos portfólios eletrônicos, propiciam aos alunos uma forma de reverem seus passos anteriores e a partir desta revisão refletirem sobre sua aprendizagem. Como

em um andaime, os conteúdos são postados um "sobre" outro e a partir desta relação os alunos percebem como chegaram a etapa atual.

Finalmente achamos válido chamar a atenção para a importância da metáfora neste tipo de trabalho. Este ponto, muito bem observado por Brandes e Boskic (idem), permitiu a construção da ideia de que as metáforas carregam a nossa perspectiva, nosso ponto de vista, os pressupostos e conceituações do que estamos tentando compreender ou transmitir. As autoras (ibidem) observaram que na maioria das vezes em que os alunos explicaram seus aprendizados, eles utilizaram metáforas relacionadas à sua vida cotidiana e com significados muitas vezes particulares para quem escreve.

Conforme eles avançavam em seus portfólios, quando chegavam em momentos de olharem para trás em seus aprendizados, percebiam que as metáforas por eles escolhidas traziam consigo elementos de suas culturas, suas crenças, suas vivências cotidianas. Ao compararem, enfim, os trabalhos e consequentemente as metáforas, as autoras chegaram a conclusão de que o trabalho com portfólios eletrônicos, ao se utilizar do hipertexto e das metáforas, favoreceu uma aprendizagem mais próxima dos moldes do construtivismo, ou seja, a aprendizagem como uma transformação e não como uma transmissão.

O USO DE PORTFÓLIOS EM SITUAÇÕES DE ENSINO E DE APRENDIZAGEM

Com o intuito de demonstrar qual foi a definição de portfólio mais afim com os objetivos de nossa pesquisa, gostaríamos de destacar um excerto extraído de Costa (2009, p. 9):

> Em meio acadêmico o portfólio aparece como um conjunto de diferentes classes de documentos, como notas pessoais, experiências de aulas, trabalhos, controle de aprendizagem, conexões com outros temas fora da escola, representações visuais e etc, tornando-se uma alternativa interessante para avaliar a aprendizagem do estudante, uma vez que consegue sistematizar as diferentes produções e os estimulam às mais diversas formas de expressão de suas qualidades, funcionando como um instrumento de diálogo entre o educador e o educando, sendo que pedagogicamente, o mais importante não é o portfólio em si, mas o que o estudante vai aprendendo ao criá-lo, excelente estratégia que permite a avaliação da aprendizagem, e induz o estudante a pensar e repensar sobre seu conhecimento.

Tal definição deixa transparecer a riqueza de se propor a criação de portfólios no âmbito educacional. O aluno, ao criar seu portfólio eletrônico poderá mesclar elementos que, a princípio, poderiam não ser reconhecidos por seu professor como elementos constituintes do aprendizado. Há ainda a possibilidade de o professor observar a utilização do hipertexto pelos alunos em suas construções. Lévy (1997, p. 33) afirma que:

> Tecnicamente, um hipertexto é um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos ou parte de gráficos, sequências sonoras, documentos complexos que podem eles mesmo ser hipertextos. Os itens de informação não são ligados linearmente (...).

Aido (apud COSTA, 2009) diz que podemos utilizar portfólios como instrumentos que, além de avaliar, desenvolvam "de forma complexa competências complexas, sendo assim um instrumento dinâmico em permanente evolução, visto como um trabalho que nunca cessa". É justamente por ser um trabalho que nunca cessa, que o portfólio eletrônico torna-se uma excelente maneira de despertar no aluno, a consciência de que o aprendizado não almeja um fim ou um saber inabalável.

O portfólio eletrônico ultrapassa os limites geográficos da sala de aula e permite que o aluno mescle em sua construção os diferentes formatos em que a informação pode hoje ser veiculada: músicas, imagens, textos escritos. Cremos que ao explorar sua criatividade nas construções dos portfólios eletrônicos, o discente possa se atentar para pontos importantes na construção de seus conhecimentos. Essa inserção das TIC em seu cotidiano escolar provavelmente levantará reflexões a respeito da importância e dos possíveis usos dos ambientes virtuais em educação.

Um trabalho que merece destaque neste artigo foi o realizado por Bona e Basso (2010), que propuseram a alunos do 3º ano do Ensino Médio de uma escola pública estadual do Rio Grande do Sul, a criação de portfólios eletrônicos de matemática. Uma atitude que consideramos muito importante para a construção de uma educação menos tradicional foi a possibilidade dos próprios estudantes, segundo o que julgavam necessário para que todos compreendessem o significado de portfólio de matemática, com responsabilidade e autonomia de construção, apresentassem seus portfólios como achassem melhor.

A motivação inicial dos autores (op cit.) foi despertar o interesse dos alunos para as aulas de matemática, observando sempre aspectos da aprendizagem de cada estudante de acordo com a sua realidade. Eles nos contam que em 2009, a escola esteve cheia de visitantes para assistirem as apresentações dos trabalhos de português e matemática realizados ao longo do ano letivo, como estratégia de reflexão sobre o que aprenderam e destacam que não se tratava de uma simples

exposição, já que o trabalho deveria ser apresentado aos visitantes. Para os autores (idem), "essa estratégia tinha como objetivo despertar a autonomia do estudante frente ao seu processo de aprendizagem e criar um espaço para que eles desenvolvessem o que lhes interessava".

Finalmente, achamos importante destacar que muitos elementos interessantes que emergiram dos portfólios eletrônicos dos alunos foram analisados pelos professores. Dentre diversos pontos, merecem destaque o favorecimento ao aprendizado que os portfólios suscitaram e a alegria dos alunos a cada nova descoberta em matemática. Vale ainda ressaltar a importância das TIC nas atividades escolares hoje, já que as mesmas fazem parte do cotidiano da maior parte dos alunos e ajudam a despertar-lhes o interesse pelo conteúdo curricular. Em relação ao portfólio eletrônico especificamente, Bona e Basso (ibidem) afirmam que:

> o portfólio de matemática é um instrumento que proporciona ao professor avaliar e compreender o processo de aprendizagem dos estudantes, e aos estudantes é uma forma de demonstrar sua aprendizagem de matemática segundo suas palavras e de maneira que eles se autoavaliem periodicamente a partir dos novos saberes aprendidos, compreendidos e apreendidos.

ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Apostamos nas possibilidades de exploração do hipertexto a partir das construções e atualizações dos portfólios eletrônicos. Em busca de propiciarmos um espaço favorável para que nossos estudantes desenvolvessem uma construção do conhecimento mais autônoma e criativa, motivamos inicialmente nossos estudantes a construírem uma página na Internet utilizando o *Google Sites*. A utilização de tal *site* não foi uma obrigatoriedade do trabalho, ficando a critério do aluno construir seu portfólio eletrônico a partir de outra plataforma caso quisesse.

Dentre os conteúdos trabalhados nos dois meses em que os portfólios foram desenvolvidos, tiveram destaque os seguintes conteúdos: Gêneros textuais, Barroco no Brasil e as principais características da poesia de Gregório de Matos. Em sala de aula iniciávamos as discussões sobre o assunto abordado e pensávamos elementos que poderiam enriquecer o aprendizado conforme os utilizássemos nos portfólios eletrônicos. O primeiro encontro no laboratório de informática teve como principal objetivo descobrirmos algumas ferramentas que poderiam nos ser úteis para as construções e atualizações dos portfólios no *Google Sites*.

Inicialmente nossa intenção era que cada aluno construísse seu portfólio individualmente, pois tínhamos o objetivo de observar como cada um trilhava seu caminho próprio durante a construção do conhecimento. Entretanto, devido às condições de infraestrutura que encontramos no laboratório de informática da escola, tivemos que optar por dividir a turma em grupos de 05 alunos. Mesmo tomando tal procedimento ainda encontramos dificuldades, já que dos 10 computadores existentes no laboratório, apenas 06 se encontravam em perfeito funcionamento.

A turma tinha em média 40 alunos, o que possibilitou a formação de 08 grupos. Assim, quando programávamos encontros no laboratório para que os grupos atualizassem seus portfólios, dois grupos precisavam aguardar que outros grupos terminassem suas atualizações para que iniciassem suas atividades. Foi por conta disso que passamos a utilizar o laboratório apenas para momentos de interação, onde cada grupo apresentava seu portfólio por meio de *slides* para que discutíssemos pontos que os autores destacavam em suas atualizações. Paralelamente a esses encontros, os grupos atualizavam seus portfólios virtualmente utilizando principalmente o recurso de bate-papo disponível no *Windows Live Messenger* e apresentavam suas atualizações quando nos reuníamos no laboratório quinzenalmente.

Esta foi basicamente a estratégia adotada desde o início até o fim de nosso trabalho de campo, que foi encerrado com uma avaliação individual escrita por cada aluno envolvido no trabalho. Esta avaliação teve como principal objetivo levantar os pontos positivos e negativos que os alunos encontraram ao desenvolverem seus portfólios, além de conhecermos as sugestões desses alunos para novos trabalhos envolvendo alguma TIC. A seguir organizamos as informações acima apresentadas em uma tabela para que possamos visualizar melhor cada etapa.

Tabela 1: Planejamento das atividades

Momentos para reflexão e "desenvolvimento" da autonomia	Local	Proposito	Horas/aula
Trabalho inicial no *Google Sites*	Laboratório	cada aluno/grupo construir o esqueleto (página inicial) do seu portfolio	2
Encontros presenciais (semanais)	Sala de aula	esclarecimentos quanto ao conteúdo dos gêneros textuais e algumas dúvidas pontuais sobre a construção dos portfolios	8
Encontros quinzenais (intercalados)	Laboratório	apresentação e visualização dos portfólios e reflexões dialógicas sobre o que está o sendo construído	8
Reflexão final escrita sobre o trabalho	Sala de aula	Aluno explicitar pontos positivos, negativos e sugestões para um novo trabalho dessa natureza	1

É importante destacarmos que o instrumento fundamental para a coleta de dados foi o portfólio eletrônico de cada grupo. Nos encontros no laboratório de informática da escola adotamos uma postura dialógica, discutindo com os alunos elementos escolhidos ou rejeitados por eles nas atualizações.

Nosso foco principal era entender como se deu a aprendizagem a cada etapa, e principalmente despertar em cada aluno, essa capacidade de refletir sobre seu próprio aprendizado. Ao observarmos os portfólios como portfólios de aprendizagem ao longo da pesquisa, dialogamos com Campbell (2008, p. 4-5), que classifica os portfólios em três modalidades, conforme explicitamos a seguir:

> O portfólio de apresentação é, simplesmente, um lugar onde o aluno pode expor os seus melhores trabalhos, o portfólio de avaliação é um conjunto de trabalhos que possibilita avaliar as competências de um aluno ao longo e ao final de um ciclo escolar, visando a uma avaliação somativa e o portfólio de aprendizagem demonstra o progresso do aluno ao longo do semestre, contendo trabalhos que o aluno escolhe como os mais significativos, dando a racionalização da sua inclusão e refletindo sobre cada um deles e sobre o portfólio inteiro.

Esses procedimentos de (re)visita na construção dos portfólios, nas análises e na identificação do aprendizado nos levaram a construir uma tabela com base em Santos e Bairral (2012). Essa tabela,

apresentada a seguir, foi a forma encontrada para organizarmos sistematicamente nossas observações e as mudanças na construção de cada grupo.

Tabela 2: Observação do desenvolvimento dos portfólios eletrônicos

Endereços eletrônicos dos portfólios	Elementos observados nas 5 versões dos portfólios eletrônicos				
	Versão 1	Versão 2	Versão 3	Versão 4	Versão 5
http://sites.google.com/site/gatinhas1003/	- criação do portfólio	- utilização de texto escrito e imagens	- utilização de texto escrito e imagens	- utilização de texto escrito e imagens	- nenhuma atualização
http://sites.google.com/site/1003news/	- criação do portfólio	- utilização de texto escrito e *links* para outros *sites*	- utilização de texto escrito, imagens e fotos pessoais	- utilização de texto escrito e imagens	- utilização apenas de texto escrito

Inicialmente coletamos os dados a partir das apresentações dos portfólios eletrônicos e de suas atualizações realizadas pelos alunos quinzenalmente nos encontros no laboratório de informática. Em cada um desses encontros salvamos os *print* dos portfólios para posteriores consultas, visando acompanhar os avanços, as idas e vindas e outros aspectos que julgássemos significativos a partir de novas leituras e discussões.

Para a primeira atualização, que foi observada no segundo encontro no laboratório de informática, foi solicitada uma conceituação de gêneros textuais e a apresentação de algum gênero, onde pudemos observar exemplos diversos de um grupo para outro, tais como tirinhas, poemas, etc.

No terceiro encontro no laboratório de informática discutimos a partir das atualizações dos portfólios eletrônicos, as diferenças entre a concepção clássica dos gêneros textuais usada inicialmente por Aristóteles, classificando os gêneros em lírico, épico e dramático e a ideia que temos dos gêneros textuais atualmente, após tantas contribuições de renomados linguistas para a definição do conceito. Destacamos principalmente a ideia de que conforme o homem avança construindo novas tecnologias, novos gêneros surgem, como por exemplo: torpedos SMS, e-mail, etc.

Ainda neste encontro observamos aspectos particulares de cada portfólio, já que tínhamos conversado sobre a possibilidade de postar fotos, músicas e outros assuntos que não estivessem diretamente relacionados com o conteúdo curricular. Vale ressaltar que esta possibilidade passa a valer para qualquer atualização. Os alunos ficaram livres para postar qualquer coisa que quisessem além daquilo que acordávamos.

No quarto encontro discutimos sobre a Inquisição, o Barroco e a intolerância religiosa que ainda existe. As discussões tiveram como mote inicial as imagens e comentários postados pelos alunos que dialogavam com estes temas. Nesta etapa alguns grupos perderam o foco e não cumpriram o combinado, limitando-se apenas a atualizarem os portfólios com elementos que não necessariamente dialogavam com o conteúdo curricular.

No quinto e último encontro no laboratório de informática, discutimos sobre a poesia de Gregório de Matos e finalizamos com um bate papo descontraído sobre os momentos do trabalho, destacando pontos positivos e negativos e buscando ideias para próximos trabalhos envolvendo as TIC.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Discutiremos aspectos do hipertexto nos portfólios eletrônicos construídos pelos alunos, observando as telas que compõem alguns portfólios e os comentários dos próprios alunos ao longo de suas postagens e nossos debates quinzenais realizados no laboratório de informática da escola.

Nossa intenção aqui não é mostrar quem está certo ou errado, apenas destacar que o conceito de hipertexto não é assim tão simples como parece e merece ainda ser discutido, já que os jovens têm sido acusados de não lerem, não se concentrarem em nada e passarem horas à toa na Internet. É preciso refletir sobre uma questão: se as ações humanas são alteradas pelas tecnologias, não seriam também as tecnologias transformadas pela ação humana?

Termo muitas vezes propagado na literatura do ramo da Filosofia e da Tecnologia, o hipertexto parece ser a grande mudança que a Internet traz ao veicular textos que fogem a estrutura linear, tão comumente utilizada quando pensamos em adquirir conhecimento. Entretanto, Ribeiro (2006, p. 3) destaca uma discussão sobre o tema ainda vigente no meio científico: a definição de hipertexto. Para alguns teóricos, "além de não-linear, o texto precisa estar dentro do computador, na tela, em ambiente digital. Para outros, nem tanto. Basta ser não-linear. Mesmo estando disposto no papel, tratar-se-ia de um hipertexto".

Gostaríamos de destacar neste momento algumas ações realizadas pelo Grupo A ao longo do trabalho com portfólios. No 2º encontro no laboratório, quando os grupos apresentavam as suas atualizações, uma integrante diz que a música eleita como a representante do gosto musical do grupo não contempla o seu gosto.

Ao indagarmos o motivo de não ter o grupo colocado mais de uma música para representar o grupo, eles disseram que não sabiam que era permitido colocar mais de uma música. É interessante

refletirmos sobre esta postura, mais uma vez passiva, que muitas vezes os jovens adotam ao realizarem os trabalhos escolares. Muitas vezes é perceptível a posição submissa que o jovem adota ao se deparar com o saber do professor, esperando que ele diga o que fazer e como fazer, mesmo que muitas vezes ambos não saibam bem o porquê de fazer.

É estranho constatar na prática que o aluno atual, o tão falado nativo digital, não nos parece assim tão criativo, tão à vontade com o uso das TIC na escola. Silva (2001, p. 13) afirma que o aluno de hoje é um "novo espectador, menos passivo perante a mensagem fechada à sua intervenção. Aquele que aprendeu com o controle remoto da TV, com o joystick do videogame, agora aprende com o mouse".

Nossos alunos aprendem com os usos que faz do computador, mas é possível constatar que alguns não relacionam este aprendizado ao aprendizado escolar. Na escola, geralmente ele espera uma ordem para iniciar qualquer atividade. E o pior, ele sabe que há uma forma para a nota dez: fazer aquilo que o professor quer. Muitas vezes essa prática docente também contribui com a dificuldade que nossos estudantes tem de articular saberes cotidianos a alguns conteúdos escolares.

Em nosso estudo após saber que era permitido mais de uma música para representar o grupo, surpreendemo-nos no encontro seguinte com o desejo do grupo de mostrar seu portfólio. Logo de início eles pediram para retomar o assunto do encontro anterior e mostraram agora uma nova página representando o gosto musical do grupo, com variados *links* levando a músicas diferentes, representando gostos diferentes, conforme podemos observar a seguir:

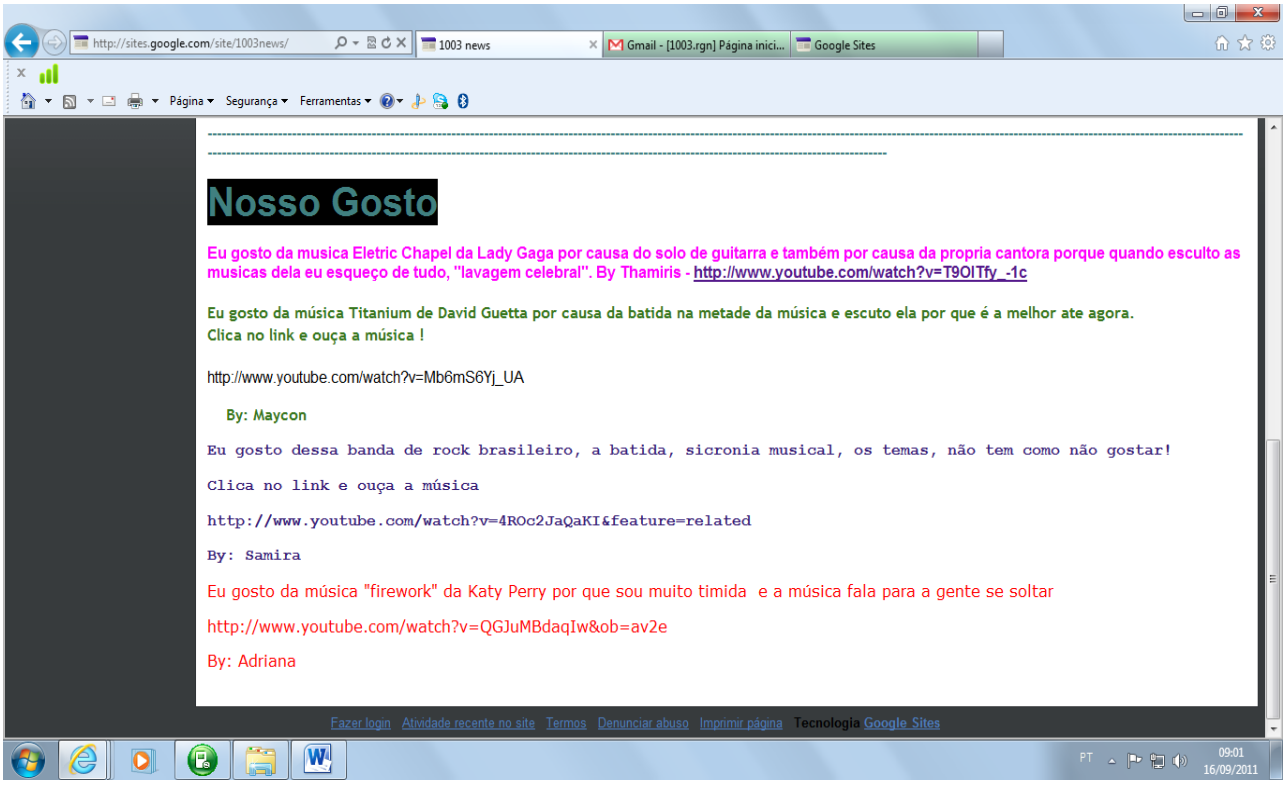

Figura 1: Grupo A explorando o hipertexto

Esta atitude do grupo colocou em prática um dizer de Lévy (1993, p. 25) em relação ao princípio de metamorfose do hipertexto: "a rede hipertextual está em constante construção e renegociação". Dentre as seis características (princípio de metamorfose, de heterogeneidade, de multiplicidade, de exterioridade, de topologia e de mobilidade dos centros) atribuídas pelo autor ao hipertexto, esta nos parece a mais interessante quando pensamos na relação entre a utilização do hipertexto na educação e a construção de um conhecimento mais autônomo.

A capacidade de refletir sobre um conteúdo, concordar com ele hoje e discordar dele amanhã, podendo ainda voltar a concordar com ele tempos depois é para nós uma atitude ao menos corajosa, tomada por alguém que não almeja estar na posição de detentor do saber.

A autonomia na construção do conhecimento não pode ser um fim almejado, mas um meio de quebrar a ordem vigente, um meio de transformar esta pedagogia que aí está, uma pedagogia que defende os interesses de alguns, criando consequentemente na mente do povo a falsa ideia de que o seu caminho não é o da escola. Quando o aluno sente o desejo de mostrar a música que ele gosta para esta escola, a música que move a sua vida, que o faz único, diferente da massa, talvez ele esteja aí dando um passo rumo a autonomia.

Este modelo educacional onde o professor transmite o conhecimento para um aluno passivo não é uma condição exclusiva do nosso tempo. Teixeira (1962, p. 4), ao discutir alguns aspectos da educação brasileira no século XIX, momento em que, segundo o autor, "o Estado entrou a interferir, maciçamente, na educação escolar", nos chama a atenção para o fato de que, a partir dessa interferência do Estado:

> a escola primária, que logo se faz compulsória, não tem os objetivos da educação escolar tradicional, a que sempre existira, antes de o Estado se fazer educador, e que visava manter o alto *status* social do grupo dominante. A nova escola popular visa, tão somente, e nunca é demais repetir, dar a todos aquele treino mínimo, considerado indispensável para a vida comum do novo cidadão no Estado democrático e industrial.

Será que é possível percebermos diferenças metodológicas entre escolas da rede pública e da rede privada hoje em dia? Arthur B. Powell, pesquisador da Rutgers University (EUA), em uma palestra proferida na aula inaugural do PPGEduc da UFRRJ em 2010, comentou que nos Estados Unidos da América, com base na pesquisa de Warschauer (2005), algumas escolas são divididas, com interesses bem diversos. Essa organização, segundo ele, acontece às vezes por bairros, classificados como ricos e pobres. Para os pobres, a tecnologia trabalhada em sala de aula não ultrapassa a condição de usuário, permitindo-lhes no máximo almejar trabalhos como secretária, vendedor, etc.

Não queremos aqui desmerecer essas profissões, mas precisamos destacar que elas infelizmente não possuem uma remuneração adequada com o trabalho depreendido pelo trabalhador. Já os ricos, de acordo com Powell, aprendem em suas escolas para ricos, dentre outras coisas que os pobres não têm acesso, a criar programas com as TIC, almejando muitas vezes profissões mais bem remuneradas.

Se o trabalho com portfólios de certa forma combate nosso modelo educacional vigente é algo que precisamos perguntar aos alunos, mas de certa forma podemos afirmar que ao menos a proposta buscou permitir-lhes um espaço de experimentação, de co-criação, de idas e vindas na construção do saber. Vale destacar que nas suas avaliações ficou uma mensagem de otimismo, de vontade de novos trabalhos que envolvam as TIC, elementos que para eles tornam o estudo mais interessante e atraente.

Não falamos aqui de um otimismo inocente, crente de que as TIC solucionarão problemas como, por exemplo, o desinteresse de grande parte dos alunos pela escola. Recordando Lévy (1999, p. 11) logo no início de sua fala sobre seu trabalho de investigação do que ele denomina cibercultura, gostaríamos de destacar: "Em geral me consideram um otimista. Estão certos. Meu otimismo,

contudo, não promete que a Internet resolverá, em um passe de mágica, todos os problemas culturais e sociais do planeta".

Nossos objetivos ao propormos o trabalho com portfólios estão longe daqueles que almejam encontrar soluções ou receitas para o bom fazer pedagógico. Nosso intuito é antes de tudo discutir as possibilidades das TIC na educação, mais precisamente as possibilidades do hipertexto em um modelo educacional que não coloca o professor como o centro das atenções. Não estamos desqualificando o professor ou afirmando que seu papel na sala de aula não é importante. O que denunciamos é uma escola que reprime muitos desejos ou posturas contrárias que os estudantes possam ter em relação às normas estabelecidas.

Se as TIC não solucionarão o problema da miséria do mundo, como já percebemos, ao menos elas podem nos disponibilizar novas armas para lutarmos em prol de um outro humanismo, menos piegas e utópico. Esse outro humanismo, a nosso ver, ainda precisa ser discutido com o povo. Esse humanismo não pode ser pensado apenas nos moldes do academicismo científico.

Se a classe popular se manifesta por meio do *funk*, do *rap* ou do pagode, é preciso ouvirmos e discutirmos sem preconceitos essas produções. Levy (1999, p. 11) compara aqueles que denunciam a cibercultura hoje com aqueles que desprezaram o rock a pouco mais de cinco décadas:

> O rock era anglo-americano, e tornou-se uma indústria. (...) A música pop dos anos 70 deu uma consciência a uma ou duas gerações e contribuiu para o fim da Guerra do Vietnã. É bem verdade que nem o rock nem a música pop resolveram o problema da miséria ou da fome no mundo. Mas isso seria razão para "ser contra"?

Nos portfólios observados conhecemos alguns gostos musicais dos alunos, nos aproximamos deles. Em relação ao conteúdo da disciplina muitas coisas surpreendentes surgiram, tais como a vontade de um grupo postar em seu portfólio uma paródia que tínhamos feito no bimestre anterior ou a frustração quando observaram que outro grupo tinha escolhido a mesma imagem de Gregório de Matos ao comentaram sobre o Barroco no Brasil. Ficou claro que nos portfólios eletrônicos podíamos encontrar uma busca por características que representassem o grupo.

Destacamos ainda que os portfólios foram uma importante ferramenta para trabalharmos pontos importantes do currículo de Língua Portuguesa/Literatura proposto para o 1º ano do ensino médio, tais como:

1.1.reconhecer a intertextualidade na referência à tradição medieval e humanista no barroco;
1.2.identificar o humor na charge e na tirinha;

1.3.produzir uma charge e tirinha a partir de um acontecimento recente, utilizando os recursos humorísticos estudados;

1.4.produzir um poema parodístico de um poema barroco (lírico, satírico ou religioso).

A seguir apresentamos uma tabela que destaca os pontos curriculares que puderam ser observados nos portfólios eletrônicos ao longo do trabalho:

Tabela 3: Conteúdos curriculares observados nos portfólios eletrônicos

Conteúdos curriculares	**Elementos em destaque nos portfólios eletrônicos**
Gêneros textuais	Poemas, charges, piadas, músicas, artigos de opinião.
Barroco no Brasil	Contexto histórico, corrupção na Bahia, forte influência da religião em todos os setores da sociedade, a poesia de Gregório de Matos.
A poesia de Gregório de Matos	A lírica religiosa e a lírica satírica, a linguagem culta e a utilização de termos chulos na poesia gregoriana, a ironia em relação aos governantes e clérigos da época.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para nós, o hipertexto não é uma exclusividade do meio digital, mas com certeza tem sido potencializado neste meio. Com o fácil acesso à Internet e a infinidade de possibilidades de navegação na rede, o modo de ler se tornou algo muito particular. Vale ressaltar que isto não significa individualismo ou isolamento na leitura.

No caso de nosso trabalho, quando optamos por portfólios em grupo por conta das dificuldades técnicas e de infraestrutura que encontramos no laboratório da escola, passamos a observar como seriam feitas as concessões pelo grupo, mas nunca deixamos de lado nosso interesse pela forma como os alunos construiriam o conhecimento utilizando este recurso.

O trabalho em grupo foi uma estratégia para a falta de recurso e do número grande de alunos em aula. Acreditamos que o portfólio é um instrumento individual e que se assim tivéssemos

conseguido dar andamento em nossa pesquisa teríamos mais informações sobre a aprendizagem em um dimensão autônoma.

Entretanto isso não significa que a dinâmica do grupo não seja importante, mas o processo autoral de construção do portfólio é diferenciado e pode ser de reflexão mais aprofundada quando construído individualmente. Por tudo isso é que destacamos a dificuldade de se implementar algo novo na escola, principalmente se nosso foco não é algo quantificável, principalmente por ser a escola uma instituição "engessada" física e curricularmente.

Vale ressaltar que por conta desta tradição mantida pela escola, buscar a autonomia tem sido um trabalho árduo, e que na maioria das vezes não alcança os objetivos pretendidos. É dito comumente que a autonomia faz parte do processo educativo atual, como se a inserção das TIC no cotidiano escolar e uma postura menos austera dos professores já fosse o suficiente para um novo modelo educacional.

Concordamos que as TIC têm despertado novas posturas tanto em alunos como em professores, mas ainda estão longe de terem seus potenciais explorados satisfatoriamente. Nas escolas onde leciono, os laboratórios de informática são subaproveitados, muitas vezes servindo apenas como um espaço onde o professor leva a sua turma para apresentar um trabalho no *power point* ou assistir um filme, os professores e a equipe diretiva têm aversão ao aparelho celular na mão do aluno, quer seja dentro ou fora de sala de aula, dentre outras posturas menos integradas aos possíveis usos das TIC.

Chegamos então a conclusão de que o trabalho com portfólios eletrônicos pode trazer novos horizontes para nossas práticas educativas. Em nosso caso específico, conseguimos utilizar de outra forma o laboratório de informática da escola, explorando melhor as ferramentas ali disponíveis, tanto para criarmos como para dialogarmos sobre tais criações. Do ponto de vista da dinâmica para contribuir com o desenvolvimento da autonomia foi possível observar que os encontros periódicos nos laboratórios foram importantes, pois possibilitou aos alunos oportunidades para sanarem suas dúvidas, aprenderem a explorar melhor os recursos disponíveis no *google sites*, além de discutirem pontos importantes do conteúdo curricular.

Já em relação as potencialidades dos portfólios eletrônicos no ensino de língua portuguesa e literatura, gostaríamos de destacar o quanto foi estimulante para os alunos saírem de sala de aula para o laboratório de informática e construírem seus textos repletos de *links*, imagens, vídeos, além de poderem postá-los na rede. Sabemos que o texto é algo que ganha vida ao ser lido. Cada leitor traz

nova vida ao texto. Por conta deste caráter dinâmico do texto é que consideramos o portfólio eletrônico como uma ótima ferramenta para explorarmos os mais diversos gêneros textuais.

Já dissemos que o hipertexto não está apenas nas TIC, mas ousamos afirmar que as TIC favorecem consideravelmente a escrita e a leitura hipertextual. Na rede temos diversos recursos para darmos mais vida aos textos, e nos portfólios eletrônicos também. Os gêneros textuais estão em constante transformação. Conforme o homem cria novos artefatos tecnológicos, novos gêneros textuais surgem. Antes do aparelho celular, não havia o gênero textual Torpedo SMS.

Hoje podemos classificar os Torpedos SMS como um gênero textual específico, com suas características próprias, tais como: a ausência de pontuação e letras maiúsculas, a abreviação das palavras, a tentativa de usar o mínimo de caracteres, etc. Sendo assim, explorar os gêneros textuais não é apenas trabalhar com as formas clássicas, como as crônicas, romances, notícias, dentre outros. É também explorar o *post* no *facebook*, o comentário informal em um vídeo do *youtube*, o bilhete amassado entregue às escondidas na sala de aula, dentre tantas formas que o homem tem usado para se comunicar.

Outro aspecto que para nós é muito relevante no caminho que temos trilhado em busca da autonomia é a observação que Brandes e Boskic (2008) fizeram em relação ao aprendizado dos alunos por meio de portfólios eletrônicos. Elas diagnosticaram que os alunos passam, ao atualizarem seus portfólios, de uma reflexão sobre "o que aprenderam" para uma reflexão sobre "como aprenderam".

Para nós, estes dois elementos são de extrema importância em nosso fazer pedagógico. No estudo dos gêneros textuais importam tanto o que e o como se aprende, já que os alunos precisarão principalmente utilizar os conteúdos aprendidos em situações concretas dentro e fora da escola. Reconhecer um gênero textual, saber a que ele se presta e poder interpretá-lo com objetividade ou subjetividade auxilia na construção de uma consciência crítica a respeito de fatos importantes de nosso cotidiano.

Além do mais, esta percepção mais profunda dos gêneros textuais pode permitir que o aluno ouse ao construir um texto, explorando de maneiras diversas um gênero ou outro, permitindo-lhe assim uma maior autonomia para escolher o que escrever e como escrever.

Com as TIC, as opções de leitura e escrita aumentaram ainda mais. Na Internet temos textos de vários gêneros para ler e inúmeras possibilidades de escrita, como por exemplo em *blogs*, *redes sociais*, formulários, etc.

Destacamos sempre que o "internetês", forma como geralmente chamamos a escrita informal na Internet, com suas formas e abreviações das mais variadas e repletas de *emoticons* não vale para todo e qualquer texto produzido na própria Internet. No portfólio eletrônico, podemos, por exemplo, optar entre um *você* no lugar de um *vc*, um *porque* no lugar de um *pq*, já que o utilizamos muitas vezes para registrar conceitos, discutir ideias e apresentar definições que podem ser lidas pelas mais diversas pessoas e tribos.

A hipertextualidade crescente a cada dia em nossa forma de ler e escrever, principalmente após a maior inserção das TIC na vida das pessoas também pôde ser bastante explorada no trabalho com portfólios eletrônicos. Para Brandes e Boskic (2008)*:*

> o caráter hipertextual do portfólio eletrônico permite que uma informação sobre a outra não traga consigo nenhuma ideia de hierarquia ou sequência, em que isto deve vir antes daquilo ou vice-versa. Os conteúdos são trabalhados de forma holística, possibilitando ao aluno um caminhar muito mais livre e consciente do que temos visto nas práticas escolares tradicionais.

É por tudo isso que consideramos os portfólios eletrônicos uma ferramenta possível para trabalharmos com gêneros textuais. No nosso caso específico, as construções dos portfólios permitiram o uso de *links*, a alternância entre uma linguagem informal e uma linguagem formal, a exploração da criatividade ao buscarem imagens, vídeos, músicas para formarem seus portfólios, além do acesso à rede, que trouxe diversas definições de gêneros textuais, exemplos e formas de construirmos nossos textos.

É claro que tudo isso não se deve exclusivamente aos portfólios eletrônicos, à Internet ou ao fato de sairmos da sala de aula para o laboratório de informática. Volto a destacar que uma postura dialógica foi fundamental para alcançarmos bons resultados em nosso trabalho. As TIC ainda geram muita insegurança. Seu papel pedagógico ainda não está claro. Corremos o risco de nos perdermos na empolgação e transformarmos um trabalho com as TIC em uma miscelânia de informações desconexas. O famoso copiar e colar ainda atormenta professores que tentam inserir a Internet em sua prática educativa.

É por isso que reforçamos a importância dos encontros presenciais no laboratório de informática, as apresentações quinzenais das atualizações nos portfólios eletrônicos, os debates sobre qual caminho seguir para a próxima atualização, os momentos que um grupo compara seu portfólio com os dos colegas, ou seja, reforçamos a importância de uma construção coletiva do conhecimento. Levando em conta que, construir coletivamente o conhecimento não significa construí-lo seguindo o mesmo modelo para todos, mas sim construí-lo com diálogos e debates.

REFERÊNCIAS

BAIRRAL, M. A (org.). **Discurso, interação e aprendizagem matemática em ambientes virtuais a distância**. Seropédica, RJ: Ed. da UFRRJ, 2007.

_____ (org.). **Tecnologias da Informação e Comunicação na Formação e Educação Matemática**. Seropédica, RJ: Ed. da UFRRJ, 2009.

_____ (org.). **Pesquisa, ensino e inovação com tecnologias em educação matemática: de calculadoras a ambientes virtuais**. Seropédica, RJ: Ed. da UFRRJ, 2012.

BAIRRAL, A. M.; SANTOS, R. T. **E-Portfolio improving learning in mathematics pre-service.** Digital Education Review (21), 2012, p. 1-12.

BRANDES, G. M.; BOSKIC, N. **Eportfolios: From description to analysis**. Canada: The University of British Columbia, 2008.

COSTA, R. C. da. **O uso de e-portfólios na aprendizagem de alunos do Instituto Federal de Educação, ciências e tecnologia do Maranhão / campus codó.** Dissertação de Mestrado. Seropédica, RJ: UFRRJ, 2009.

ESTEBAN, M. P. S**. Pesquisa qualitativa em educação – fundamentos e tradições**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

FERREIRA, A. B. de H. **Miniaurélio: o minidicionário da língua portuguesa**. 6.ed. Curitiba: Posigraf, 2004.

FERREIRA, E. **(D)enunciar a autonomia – contributos para a compreensão da génese e da construção da autonomia escolar**. Portugal: Porto Editora, 2012.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do oprimido.** 50.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. Campinas, SP: Papirus, 2007.

LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência – o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

_____. **Cibercultura**. São Paulo. Editora 34, 1999.

MARCUSCHI, L. A. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade.** In DIONÍSIO, Â. P., MACHADO, A. R. e BEZERRA, M. A. (orgs.). Gêneros textuais e ensino. 2.ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p. 19-36.

MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

SANTOS, E. **Portfólio e cartografia cognitiva: dispositivos e interfaces para a prática da avaliação formativa em educação online.** In: SILVA, M. e SANTOS, E. Avaliação da aprendizagem em educação online. São Paulo: Loyola, 2006

WARSCHAUER, M. **Technology and social inclusion: Rethinking the digital divide.** Cambridge: MIT Press, 2005.